



José Gabriel Avila*
jgazores@gmail.com

O Espírito da Açorianidade

“A açorianidade tem de ser uma marca definidora do nosso destino seja na vertente geográfica, paisagística, ambiental ou marítima, seja no âmbito literário, artístico, musical, histórico, religioso, enfim, cultural”

Não fossem algumas varandas enfeitadas, aqui e ali, com a imagem do Senhor Santo Cristo e mal se notaria que os micalenses tinham vivido, na intimidade das suas casas e famílias, a tradicional celebração.

Os dias passaram no silêncio da cidade quase vazia. E não fora as transmissões televisivas de alguns atos litúrgicos sem povo fiel, confinados à capela do Senhor por discutível decisão dos responsáveis do Santuário e das celebrações do ano corrente não rezaria a história.

Quem, provavelmente, não deu pela ausência da Festa foram os nossos emigrantes, também eles confinados à segunda pátria que os acolheu e onde residem, e por isso impedidos de voltar à Casa da partida.

A corrente que nas últimas décadas se estabeleceu e aprofundou com os Açores, já o ano passado sofreu um corte profundo e, nalguns casos irreparável. Julgava-se que este ano tal não iria acontecer, mas a pandemia agravou-se e fechou fronteiras. Espera-se que elas voltem a abrir-se, cuidadosamente, para podermos abraçar familiares e amigos, residentes no outro lado do “Rio Atlântico”, expressão feliz de Onésimo T. Almeida.

Esta semana foram anunciados dois voos semanais da IBERIA, entre Madrid e Ponta Delgada, nos meses de julho e agosto. Oxalá tenham êxito comercial e sanitário.

Campanha semelhante e mais intensiva devia afetar-se junto da diáspora açoriana, cujos descendentes, nos últimos anos, começaram a visitar os Açores em procura de familiares e das gerações passadas.

Quem conhece estas ilhas sabe que o parque habitacional foi recuperado, nos últimos anos, por emigrantes que nas décadas de 60 e 70 se viram forçados a partir para os EUA e Canadá. Muitos, já reformados, entenderam recuperar habitações antigas e construir novas, de modo a regressarem às origens e revitalizar a sua identidade na terra natal.

Impedidos de o fazer o ano transato, por razões de todos conhecidos, chegou a altura de incentivá-los a voltar para passarem uns tempos mais, que os que não lhes permitiam as férias, quando trabalhavam.

Desconheço o que está a ser feito neste sentido pelas entidades competentes ligadas ao turismo, mas juro que este nicho de visitantes não caberá muito nas suas preocupações, pois as suas estadias são passadas em casa própria ou de familiares.

Compete, pois, ao Governo e à transportadora aérea regional desenvolver todos os esforços para incentivar a vinda de açorianos já este ano.

Eles também movimentam - e muito! - o anémico mercado local e sobretudo vitalizam e alegam seus familiares e as pequenas comunida-



des.

A nossa atividade turística não se pode confinar apenas à descoberta das belezas naturais e ao usufruto das nossas potencialidades ambientais.

Os Açores são nove ilhas dispersas e diferenciadas por vivências comportamentais e culturais que não se pode esconder dos roteiros turísticos em tempo de persistente pandemia.

A açorianidade tem de ser uma marca definidora do nosso destino seja na vertente geográfica, paisagística, ambiental ou marítima, seja no âmbito literário, artístico, musical, histórico, religioso, enfim, cultural.

Nesta época do ano, a vertente religiosa tem um significado histórico, pessoal e comunitário muito importante.

Refiro-me às Festas do Divino Espírito Santo que, tradicionalmente, se celebram em todas as ilhas. Com motivações que, ao longo dos 500 anos de povoamento se foram fortalecendo, em tudo semelhantes às carências sociais e familiares ocasionadas pela paralisação do tecido económico.

Os gestos de solidariedade que as Festas promovem, faz todo o sentido que se mantenham e até incentivem, necessariamente, em moldes adequados.

Infelizmente não tem sido esse o pensar das irmandades e mordomos - entidades religiosas, de cunho eminentemente popular e laical, tradicio-

nalmente desacompanhadas e incompreendidas pelo clero.

Agora que a solidariedade mais se reclama para matar a fome e socorrer as necessidades de tantas famílias abaladas pelo desemprego e pela doença, faz todo o sentido envolver irmãos e mordomos dos Impérios do Espírito Santo, dando-lhes um ainda mais forte impulso caritativo.

É verdade que alguns dos seus promotores só entendem os Impérios e Coroações com um cunho festivo, e por vezes interesseiro, mas em muitas ilhas e localidades persiste o “Sinal” da partilha e da solidariedade, profundamente cristãos.

Estou convencido que no próximo ano, muitos açorianos de cá e de lá, virão promover as tradicionais festas ao Divino Espírito Santo, feitas em horas de aflição e de Fé. Espero que, já este ano não se interrompa esta cadeia de doação e amor ao próximo que marcam na identidade açoriana os Impérios e Coroações, adequados embora às contingências. Para que os açorianos e quem nos visita reconheçam as nossas singulares e acentuadas diferenças, tão belas como as paisagens destas ilhas.

*jornalista c.p. 239 A
<http://escretemdia.blogspot.com>

1 <https://www.dn.pt/arquivo/2006/o-sacrificio-e-a-misericordia-649885.html>